



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **DA PRINCESINHA DO SERTÃO AO BOI VALENTE: IMAGENS DO BIOMA CAATINGA ENTRE ESTUDANTES EM DOIS CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS**

Mariana Leodora da Silva Teixeira (1); João Paulo dos Santos Silva (2); Alessandra Alexandre Freixo (3)

*(1) Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, marianaleodora@gmail.com; (2) Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, jota.biologia.uefs@gmail.com; (3) Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana; aafreixo@hotmail.com.*

**Resumo:** A caatinga é um bioma originalmente brasileiro, predominante no nordeste e rico em biodiversidade, porém pouco se sabe acerca da riqueza deste ambiente. Este por sua vez é retratado através de conceitos e imagens que, muitas vezes, não o valorizam, ou não demonstram como, de fato, é constituído. Essas imagens são disseminadas em livros didáticos, em meios midiáticos, perpassando a representação de uma caatinga pobre, feia, atrasada no tempo, assim como todos os seus integrantes. Neste sentido, o presente trabalho visa investigar quais as representações do bioma caatinga existentes entre estudantes do 7º ano de duas escolas públicas situadas em dois contextos diferenciados através das imagens visuais. A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo de intervenção. Em cada escola os alunos apresentaram uma imagem autoral representativa do bioma caatinga explicando os motivos de escolha da imagem. Os registros das atividades foram feitos através de gravações de áudio e imagens, para a composição de um vídeo-mosaico nas duas turmas, como forma de registro documental. Dentre as imagens apresentadas, destacam-se elementos considerados característicos deste ambiente como o cacto, o sisal, períodos de seca profunda, bem como o verde das plantas. As diferentes formas de perceber a caatinga foram de fundamental importância para a construção de conhecimento para todos os sujeitos participantes da pesquisa. Essas representações permitiram o entendimento dos diversos significados que a caatinga pode estabelecer nestes contextos.

**Palavras-chave:** imagem, caatinga, representação, ensino de ciências.

### **INTRODUÇÃO**

A caatinga é um bioma originalmente brasileiro, predominante no nordeste e rico em biodiversidade, porém pouco se sabe acerca da riqueza deste ambiente que, muitas vezes é retratado através de conceitos e imagens que o desvaloriza, ou não demonstram como, de fato, é constituído. A



educação desenvolvida no semiárido é construída sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região.

Uma educação que reproduz em seu currículo uma ideologia carregada de preconceitos e estereótipos que reforçam a representação do semiárido como espaço de pobreza, miséria e improdutividade, negando todo o potencial dessa região e do seu povo (MATOS, 2013). Isso pode acarretar em uma desvalorização por parte de seus integradores (SANTOS, 2013), fazendo com que desconheçam o ambiente do qual faz parte, negando-o, muitas vezes, e não reconhecendo como parte de sua identidade sociocultural. Essas imagens são disseminadas em livros didáticos, em meios midiáticos, perpassando a representação de uma caatinga pobre, feia, atrasada no tempo, assim como todos os seus integrantes.

O objetivo principal deste trabalho é investigar as representações de caatinga presentes entre estudantes de escolas públicas inseridas em dois contextos socioculturais diferenciados no estado da Bahia, através das imagens-visuais. É de extrema importância o conhecimento do bioma no qual estamos inseridos, para uma melhor valorização e uma diminuição de preconceitos e estereótipos acerca deste ambiente, o uso de imagens reais e próprias da realidade dos alunos nos dará a dimensão de como estes percebem o ambiente no qual estão inseridos.

### **CAATINGA: BIOMA ÚNICO DE IMAGENS DIVERSAS**

O conteúdo biomas brasileiros ainda é pouco explorado pelos livros didáticos e pelos professores nas escolas. Há, uma abordagem superficial, e muitas vezes carregada de preconceitos e erros conceituais, no que tange a apresentação do bioma caatinga nas escolas. A apresentação deste bioma, nestes ambientes, através dos livros didáticos e de imagens midiáticas de circulação, tais como a televisão, internet, jornais, dentre outros pode ser diferenciada da “visão”(e os demais sentidos) dos habitantes deste mesmo ambiente.

A educação desenvolvida no semiárido é construída, muitas vezes, sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região. Uma educação que reproduz em seu currículo uma ideologia carregada de preconceitos e estereótipos que reforçam a representação do semiárido como espaço de pobreza, miséria e improdutividade, negando todo o potencial dessa região e do seu povo (MATOS, 2013). Faz com que os seus integradores desvalorizem e desconheçam muitas vezes o ambiente do qual faz parte, negando-o, muitas vezes e não reconhecendo como parte de sua identidade sociocultural.

A valorização do bioma por parte de seus moradores pressupõe a ruptura de paradigmas historicamente construídos, visto que em estudos analisando a sua percepção ambiental, foi possível constatar que a maior parte não reconhece o bioma onde reside como rico ecologicamente. Muitas vezes a caatinga é retratada através de conceitos e imagens que, muitas vezes, não o valorizam, ou não demonstram como, de fato, é constituído. Essas imagens são disseminadas em livros didáticos,



em meios midiáticos, perpassando a representação de uma caatinga pobre, feia, atrasada no tempo, assim como todos os integrantes desse bioma (SANTOS, 2013).

Segundo Lima (2006), o fato das escolas incorporarem em seu currículo representações que caracterizam as pessoas dessa região como “coitadinhos”, “pobrezinhas”, “incultas”, construindo uma caricatura, um estereótipo de sertanejo carregado de preconceito merece uma análise cuidadora. Diante disso, Martins e Lima (2001), propõem que seja desenvolvido um trabalho de descolonização da educação por meio da construção de uma educação contextualizada que favoreça um diálogo permanente entre o conhecimento científico e o saber popular.

Uma educação que busque contextualizar o ensino com a cultura local, considerando as potencialidades e limitações do semiárido, num espaço de promoção do conhecimento, de produção de novos valores e a divulgação de tecnologias, apropriadas à realidade semiárida, construindo uma ética de alteridade na relação entre natureza humana e não humana. Essa ideia de contextualização não está associada somente à valorização do cotidiano: os saberes escolares devem ter relação intrínseca com questões concretas da vida dos alunos (LIMA, 2006).

Marques (2014) relata a importância da apresentação da caatinga aos alunos pertencentes a este, pois essa aproximação com o meio em que vivem os permite perceber mudanças ocorridas neste ambiente, o que pode gerar uma conscientização conservacionista destes indivíduos para com este bioma, um maior conhecimento acerca deste ambiente poderá influenciar em seu cuidado e proteção.

Wortmann (2001) aborda uma gama de significados e conceitos ao termo representação citando contribuições de diversos autores especializados neste tema. Segundo ela, as representações em educação em ciências passaram a ser consideradas globalmente como espécies de estruturas mentais postas em ação ante as situações problemas. As representações transmitem a descoberta e a interpretação de entendimentos dos sujeitos sobre o "mundo real". Neste sentido, a interpretação das representações dos estudantes sobre o bioma caatinga se apresenta como uma necessidade para se construir uma proposta de ensino que contemple as especificidades dos contextos socioculturais dos estudantes, de modo a possibilita-los reconhecer as problemáticas e os diferentes modos de viver e conviver neste bioma.

Silva (2012) aborda que a imagem traz em si muito do ideal de quem está por trás da criação, e certamente a percepção de tal ultrapassa a estética, envolvendo em si recordação, surpresa, família, o sentimento afetivo por um lugar entre outros. A imagem representativa perpassa a superficialidade de uma imagem estática, única e homogênea, traz consigo uma bagagem de histórias e identidade pessoal. Imagens fotográficas, filmicas e videográficas retratam a história visual de uma sociedade, expressam seus significados, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, aprofundam a compreensão de expressões artísticas e estéticas. Análise de imagens e discursos visuais, produzidos





no âmbito de uma cultura como possibilidade para dialogar com as regras e códigos dessa cultura. As imagens podem ser utilizadas como meio de acesso a formas, compreensão e interpretação das versões de mundo, dos sujeitos e das teias culturais em que eles estão inseridos (BARBOSA, CUNHA, 2006)

A utilização das imagens de caatinga entre estudantes em contextos diferenciados permite a estes uma nova dimensão e compreensão deste bioma, por vezes retratado imgeticamente das mais variadas maneiras. Os estudantes, como sujeitos ativos, no processo de ensino- aprendizagem, tiveram a consciência do “poder” de informação das imagens, tendo a consciência de que estas representações reflete muito das experiências individuais de cada um, e suas interpretações contribuiram numa importante reflexão das identidades culturais e sociais dos envolvidos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo de intervenção. Tomamos as imagens visuais como principais elementos de análise e ressignificação das representações de caatinga nos contextos estudados. Foram escolhidas duas escolas situadas em contextos socioculturais diferenciados. Apesar de ambas localizarem-se no que conhecemos pelo bioma caatinga, uma escola situa-se nas mediações da Universidade Estadual de Feira de Santana e a outra se situa na zona rural de um município eminentemente rural, localidade que se caracteriza pela presença de comunidades que vivenciam diferentemente suas relações com o ambiente e a vegetação local.

A metodologia do trabalho foi dividida em quatro momentos. No primeiro momento, foi apresentada a proposta de pesquisa aos participantes, explicitando seus objetivos e como esta seria desenvolvida. Foi entregue aos participantes um questionário, a fim de traçar o perfil dos participantes da pesquisa e suas representações iniciais sobre o bioma caatinga. Após a entrega dos termos foi solicitado aos estudantes que escolhessem ou construíssem uma imagem visual (fotografia, desenho, ou pequenas filmagens) que representasse o bioma caatinga para cada um, pois esta seria socializada para toda a turma no próximo encontro com os pesquisadores. O segundo momento caracterizou-se pela produção e apresentação das imagens de caatinga dos estudantes. Como grande parte dos estudantes não havia escolhido uma imagem, optaram por elaborar desenhos neste momento.

O terceiro momento foi o de edição do vídeo-mosaico, no qual os alunos foram divididos em grupos responsáveis por cada elemento de edição, totalizando quatro grupos: um grupo responsável por escolher e organizar as apresentações gravadas que comporiam o vídeo, um segundo grupo responsável pela escolha das músicas que fariam parte do vídeo, o terceiro responsável pela escolha das frases e/ ou mensagens que remetessem a caatinga, e o ultimo grupo foi responsável por digitalizar as imagens de caatinga elaboradas pelos estudantes.



O quarto e último momento foi caracterizado pela apresentação e socialização dos vídeos produzidos em cada escola, como forma de promover um diálogo entre as representações de caatinga reproduzidas nas duas escolas, visando compreender se há diferenças entre as imagens produzidas nestes distintos contextos e como os estudantes lidam com esta pluralidade de representações sobre o bioma.

Para fins deste artigo, optamos por apresentar a seguir os resultados sistematizados a partir da análise preliminar de algumas imagens produzidas pelos estudantes em cada escola, de modo a iniciar nosso debate em torno das representações de caatinga presentes nestes dois contextos socioculturais.

### **REFLEXO DA CAATINGA NAS IMAGENS DOS ALUNOS**

A primeira imagem em análise, produzida por uma estudante da escola urbana, retrata uma caatinga ‘cinza’, onde não há outra cor além desta. Nesta imagem a autora evidenciou dois elementos de destaque no desenho. O elemento (A) uma árvore seca, desenhada à lápis, e o elemento (B) um cacto, desenhado no mesmo tom, assim como o solo, no qual, esses elementos estão inseridos.

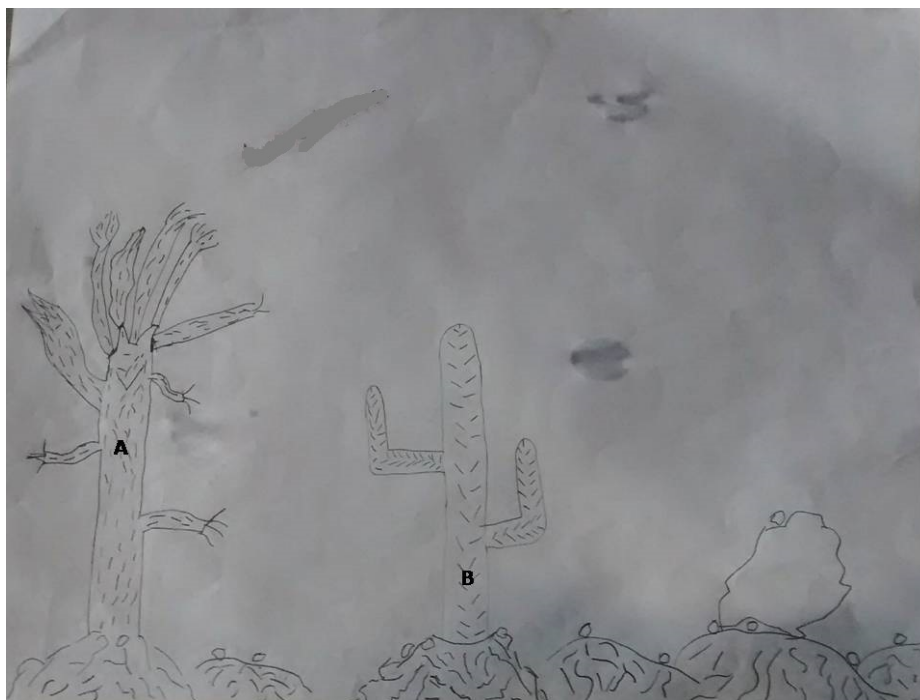


Figura 1. “Na caatinga, só tem a seca”. Imagem de estudante da escola urbana. Feira de Santana-BA.

A caatinga não tem árvore, não tem nada. Tem uma planta seca, um cacto. Aqui só tem graveto e a seca. Aluna 7ºano, escola urbana.



A partir da narrativa da aluna, percebe-se que, para ela, a região que compreende o bioma caatinga é uma região ‘sem vida’. Na imagem não há a presença de animais, todas as plantas estão secas, inclusive o cacto, elemento central do desenho. Apesar da autora da imagem afirmar que neste bioma só exista o nada, ela nos apresenta uma dois símbolos em destaque na sua representação de caatinga: a árvore e o cacto seco. Ao apresentar esses elementos e enfatizar sua condição atual, secos, nos transmite a ideia de que estes já estiveram vivos, um dia, mas sua a vivacidade destes elementos não são característicos da caatinga que ela ‘vê’, esta, por sua vez, é uma caatinga inóspita, distante do ideal de natureza verde e feliz que muitos possuem. Para a estudante a seca é algo negativo na caatinga e diante dela, não se há vida muito menos a percepção de uma vida dentro desta perspectiva.

Apesar da grande biodiversidade da caatinga, historicamente, este bioma foi representado e divulgado como um lugar “feio”, “inóspito”, “pobre em biodiversidade e endemismo”, como aborda Bitencourt, Marques e Moura (2014). De acordo com esses autores a caatinga é de um dos biomas mais diversos do mundo em condições de clima e solo, único totalmente brasileiro, o que confere valores biológicos e econômicos significativos para o Brasil e América Latina.

Para Silva (2003) indústria da seca foi utilizada por muito tempo como um argumento para manutenção de uma ideia desvalorizadora da caatinga e das possibilidades de um avanço na convivência com as intempéries. Esse fato é percebido tanto no desenho quando na narrativa da autora da imagem da estudante da escola urbana da cidade de Feira de Santana.

De acordo com a pesquisa feita pelo Ministério do Meio Ambiente, na Universidade Federal de Pernambuco e a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento, alguns mitos foram criados em torno da biodiversidade da caatinga: a homogeneidade, a pobreza em espécies e em endemismo e a pouca devastação (LUZ et al. 2009). Esses três mitos devem ser considerados superados, pois este bioma é heterogêneo, sua biota não é pobre em espécies e em endemismo e a ela está entre os biomas brasileiros mais degradados pelo ser humano (LUZ et. al 2009).

É sabido que muitas vezes essas questões não são postas em sala de aula e os alunos assim como alguns professores de ciências perpassam esse estigam já tão arraigado de uma caatinga completamente empobrecida nos seus diversos aspectos.

A próxima imagem analisada (Figura 2) apresenta cinco elementos de destaque. O principal elemento, centro da imagem (A), um cacto verde, com braços e pés, olhos e bocas, rodeado de espinhos também em tom verde, mais escuro, a direita do desenho há a presença de um sol (B), o elemento C uma árvore seca, desenhada num tom cinza, D) uma ave sobre a árvore seca, e ao fundo do desenho o elemento E riscos em azul representando a chuva.

A imagem feita pelo estudante revela uma caatinga representada apenas por cacto, que apresenta braços, pés, olhos e boca, uma caracterização antropizada a este elemento, este é o ‘protagonista’ do





desenho, apesar do autor da imagem também desenhar uma árvore seca como uma de suas representações do bioma caatinga, em seu discurso esse elemento não foi evidenciado.

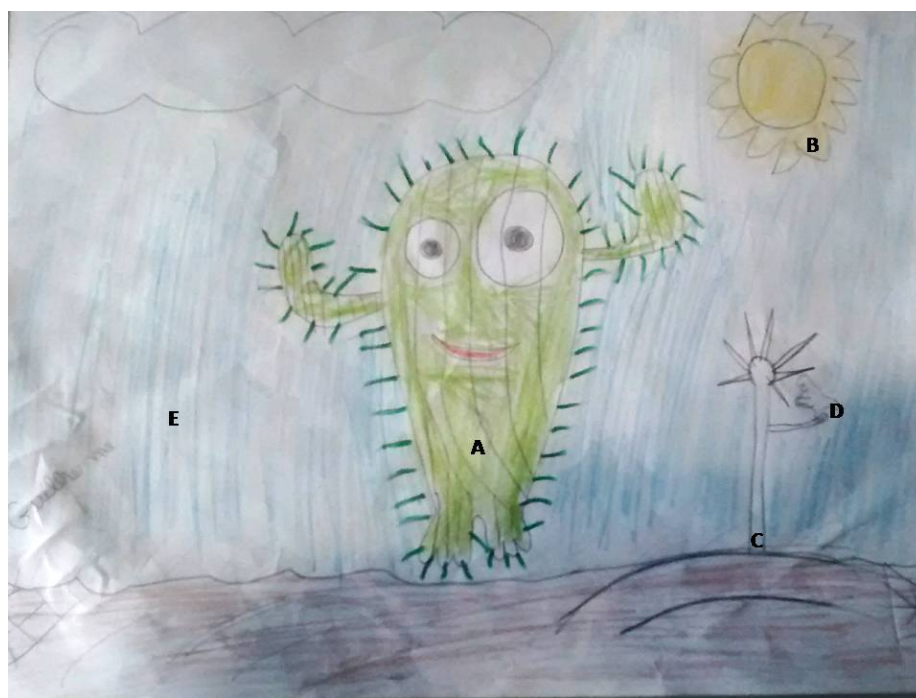


Figura 2: “A solidão do cacto”. Imagem de estudante da escola urbana. Feira de Santana-BA.

Essa imagem representa a caatinga porque ela é seca e só tem cactos. Aluno 7ºano, escola urbana.

Apesar do ‘senhor cacto’, está sozinho no meio da caatinga, ele está feliz, seu semblante traz paz e serenidade em meio a sua solidão sertaneja, seus braços abertos e o seu sorriso vermelho são convidativos a um abraço, ao mesmo tempo esse desenho nos infere uma movimentação deste personagem, o cacto está em ascensão ( seus pés não tocam o solo rachado da caatinga), aqui ele é o astro rei, e o sol é uma estrela coadjuvante que reflete essa realeza. O ‘senhor Cacto’ nos faz refletir diversas ideias, será que os seus pés os leva a qualquer lugar, ou até mesmo nos afirme que ele não é um símbolo imóvel da caatinga. Caatinga esta que apesar de seca e sem vida, segundo o autor da imagem apresenta um cacto imponente, extremamente vivo e feliz por fazer parte deste cenário.

Silva (2014), traz um discussão acerca da masculinidade e força do sertanejo, criado por Euclides da Cunha em ‘Os Sertões’ com sua famosa frase de que “o sertanejo é sobretudo um forte”. O ‘Sr. Cacto’ nos possibilita uma analogia a esta imagem de sertanejo retratado por Euclides da Cunha. Ao mesmo que a paisagem da caatinga é desoladora e desértica, esta também é ao mesmo tempo, paradisíaca, uma terra que vai “da extrema aridez à exuberância extrema”, e o seu habitante, o sertanejo, apesar de ser “o homem permanentemente fatigado” pelas dores e percalços deste



ambiente e “sem prumo”, de uma só vez pode se transformar numa fênix ressurgida na volta do verde de um cinza<sup>1</sup> que é peculiar a este ambiente.

Luz et al. (2009), ao analisarem as concepções sobre a caatinga em um grupo de professores na rede municipal de Iramaia na Bahia, verificaram que alguns destes ao descreveram a Caatinga, conceituaram como um bioma de vegetação característica; de solo e vegetação pobre. Todas as respostas apresentadas envolviam plantas com galhos secos quase sem folhagem, predominância de cactos e mandacarus, muitos espinhos e sem muita importância. Notaram atribuições de adjetivos inferiores para a caatinga, em detrimento a outros biomas.

Assim como esse trabalho, há a estigmatização da caatinga entre seus próprios habitantes, alunos e professores, e conseqüentemente uma disseminação desses conceitos em sala de aula, que pode levar os alunos a essa percepção do bioma caatinga, como pode ser observado nos desenhos analisados.

Apesar da cidade de Feira de Santana está localizada no agreste baiano, ela é conhecida com a ‘princesinha do sertão’ e apresenta grande área composta pela vegetação xerófila. Apesar deste título os estudantes da escola de realização da pesquisa não a compreendem como pertencente a este bioma e, conseqüentemente, não se percebem integrantes da caatinga que foram nos apresentadas.

A imagem abaixo apresentada (Figura 3) é de autoria de um aluno do 7º ano da escola do campo em estudo, situada no município de Valente, no estado da Bahia. Neste desenho, ele evidencia os elementos que, segundo ele, são característicos da caatinga. Tanto as plantas típicas deste bioma, a exemplo do sisal, apesar de não ser originário do Brasil, constroem-se como símbolos do sertão e da caatinga, na região onde ele vive. Também são representados os animais mais encontrados em regiões característicos desse bioma.

Ao analisar a imagem e narrativa deste aluno percebe-se que a sua imagem de caatinga é dividida entre os dois períodos característicos desse bioma: a seca, retratada tanto pelas cores do desenho (elementos A e B), quanto pela fala do aluno. Os períodos de chuva, quando, em seu discurso, ele relata que depois tudo “renasce”, mostrando o sisal como símbolo principal do seu desenho (C). Exemplificando que apesar de períodos de seca, onde a água é escassa, onde os tanques ficam secos (A), muitos bichos próprios deste ambiente ainda são vistos (D, E, F, G, H e I). Aqui a caatinga foi dividida em animal e vegetal e sua biodiversidade foi discutida nesses dois aspectos. Nesta imagem o aluno traz os animais característicos da caatinga, retratando-os como integrantes de sua imagem. Em outros estudos realizados neste contexto sociocultural (SILVA; FREIXO, 2014), também é nítida a percepção da caatinga em sua natureza cíclica, na qual os elementos da paisagem se modificam ao olhar dos sujeitos do campo, entremeando-se cores do verde ao cinza, que passam a

---

<sup>1</sup> Cinza e verde remete a caracterização da caatinga em momentos de seca profunda, na qual ela tem um aspecto acinzentado e nos momentos de chuva onde o verde impera tanto nas cores quanto na alegria de seus habitantes.





representar os ciclos de seca e chuva característicos do lugar, bem como a relação dos seres humanos e os animais dentro de um contexto mais amplo, nos quais se integram na natureza.



Figura 3: “A diversidade encontrada”. Imagem de estudante da escola do campo. Valente- BA.

Na seca aparece um bocado de bicho que a gente vê: peba, teiú, e os tanques ficam secos... mas depois tudo renasce. Aluno 7º ano, escola do campo.

Outro elemento de destaque na imagem é o Sisal (C), trazido no centro do desenho e em maior dimensão em comparação aos outros elementos da imagem. Percebe-se, com isso, a importância e o reconhecimento que os estudantes da escola do campo, assim como os moradores de Valente possuem. O sisal é visto como um símbolo identitário do lugar (FREIXO, 2010). Esta imagem representa uma das categorias propostas no questionário “verde/ cinza/ riqueza”, onde o verde representa os momentos de ‘renascimento’ da riqueza deste bioma que não é visto durante a seca, representado pelo cinza, ou ainda pelo marrom.

A próxima imagem analisada, de autoria de um estudante da escola do campo, traz elementos ainda não evidenciados nas imagens aqui analisadas. Uma representação pessoal e bastante peculiar do que, para ele, significa a caatinga. O elemento (A) representado por uma égua no centro do desenho seguido do elemento (B), seu filhote, um potro, são os protagonistas do desenho e fazem parte da caatinga representada por esse estudante, em verde na parte inferior do desenho está o elemento (C), segundo o aluno é um ‘cabeça- de- frade’, cactaceae típico da região xerófila, seguido de outras árvores (D) ao fundo que compõem o quadro representativo da caatinga.



Figura 4: “Cavalgada, cultura nossa”. Imagem de estudante da escola do campo. Valente- BA.

A caatinga é importante, pois se a gente acabar não vai ter mais aquelas plantas medicinais que muitas pessoas conhecem. Aqui a gente desenhou uma cabeça- de- frade, que faz chá, faz um monte de coisa. A pega de boi é uma cultura nossa. Aqui tem o desenho de uma égua com um pordo. Só porque a gente gosta de cavalgar, correr na caatinga, essas coisas, tem muita gente que fica zombando e isso não é motivo de zombação. Aluno 7º ano, escola do campo.

Através da narrativa do aluno e do seu desenho, percebe-se que essa imagem está repleta dos costumes de alguns habitantes da caatinga, inclusive do autor da imagem. Nota-se o sentimento de pertencimento deste aluno com este ambiente. Além desse, ele apresenta também um conhecimento sobre os estereótipos e preconceitos que, muitas vezes, são atribuídos a este local e seus habitantes. Curiosamente a imagem que ele possui da caatinga, não é apenas da flora, apesar dele exemplificar uma planta que é usada para fins medicinais, isso transmite a ideia de que este aluno tem conhecimento popular da importância dessas plantas e da falta de conservação que o bioma caatinga tem sofrido. Outro elemento característico dessa imagem são os animais (égua e o potro) e o modo que eles representam ao aluno. Aqui esse animais representam uma cultura, que para ele, é própria da caatinga e de seus habitantes. Apesar do aluno valorizar a cavalgada como o símbolo identitário do bioma caatinga, ele relata o preconceito que existem, tanto pelos próprios habitantes quanto pelos habitantes de outras regiões que não comportam o bioma.

Os habitantes da caatinga apresentam uma identidade cultural bastante representada através de tradições populares como a vaquejada e os festejos juninos, em diversas cidades pertencentes à



caatinga. E em Valente, cidade onde está inserida a escola do campo, essa cultura de vaquejada é bastante forte. O boi Valente é o grande símbolo do local e seus habitantes apresentam grande estima a essa história da cultura local (FREIXO, 2010), transmitindo esse sentimento nas imagens destes alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS ENCONTROS E DESENCONTROS NO DIÁLOGO DAS IMAGENS**

Ao tomar as imagens como ponto de partida e “carro-chefe” desta pesquisa, percebemos a relevância de utilizar desta ferramenta para o ensino de ciências. A imagem pode ser um instrumento de conhecimento, porque serve para ver o próprio mundo e interpretá-lo (JOLY, 2012).

A trajetória de produção, nos fez “mergulhar” em uma diversidade de imagens representativas de um mesmo bioma. Através da caatinga representada, pelos alunos, percebemos como este bioma é percebido por eles, e quais os elementos mais importantes neste aspecto. Foi-nos apresentado “diversas caatingas” refletidas nas imagens construídas por alunos nestes dois contextos. Dentre essas imagens, características específicas e próprias deste ambiente como o cacto, o sisal, períodos de seca profunda, o verde das plantas típicas deste bioma foram apresentadas. Porém no decorrer das apresentações e nos discursos dos estudantes, percebemos que a imagem abrange outros aspectos, distintos de um imaginário de “natureza” pronta. As diferentes formas de perceber a caatinga foram de fundamental importância para a construção de conhecimento para todos os sujeitos participantes da pesquisa. Essas representações permitiu o entendimento dos diversos significados que a caatinga pode estabelecer nestes contextos.

Ao produzir as imagens, os estudantes puderam exercer uma autonomia e decisão própria de se trabalhar determinando assunto. Nesta pesquisa não buscamos o certo e o errado, não queríamos eleger uma imagem correta do bioma caatinga. Mas sim, buscamos nas imagens um diálogo através dos contextos e das diferenciações ou similaridades que estes podem inferir e refletir na percepção da caatinga por estes sujeitos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, A., CUNHA, E. T. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BITENCOURT, R., MARQUES, J., MOURA, G. O imaginário sobre a caatinga representada nos desenhos infantis de estudantes do nordeste do Brasil. **Revbea**, v. 9, n. 2, p. 254-269, 2014.

FREIXO, A. A. Do sertão dos Tocós ao Território do Sisal: rumo à invenção de uma região e uma vocação. **Geografares**, n. 8, p 1-23, 2010.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.





LIMA, E. de S. **Educação Contextualizada no Semi-árido: Construindo Caminhos para Formação de Sujeitos Críticos e Autônomos.** 2006. 88f. Monografia (Especialização em Docência do Ensino Superior) Coordenação de Pós-graduação e Pesquisa da Faculdade Santo Agostinho. Teresina, 2006.

LUZ, C.F.S. et al. As concepções sobre a Caatinga em um grupo de professores da rede Municipal de Iramaia – Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS, 7. Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/1435.pdf>. Acesso em: 13. ago. 2016.

MARQUES, J. G. **O Bioma Caatinga segundo a internet: Possibilidades de pesquisa escolar a partir do uso do buscador Google.** 2014. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SANTOS, P. J. A. dos. **Percepção do bioma caatinga de educadores, educadoras, educandos e educandas de uma escola municipal do semiárido paraibano.** 2013. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual da Paraíba.

SILVA, R. M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Soc. Estado.** v. 18, n. 1-2, 2003, p. 361-385.

SILVA, J. P. dos S. **Perceber ou Não Perceber, eis a Questão: o Papel das Imagens de Natureza na Construção do Conhecimento em Biologia.** 2013. 52 p. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SILVA, S. D. M. A virilidade do Sertanejo pintada por Alencar sob imagens de Peri. **Miguilim.** Revista Eletrônica do Netlli, v. 3, n. 2, 2014, p. 32-46.

SILVA, J. P. dos S.; FREIXO, A.A. Rumo à construção de um mosaico de imagens de natureza: percepções para além do verde. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 6., 2012, Belém.

SILVA, J. P. dos S.; FREIXO, A. A. Natureza em Memórias e Imagens: Relato de uma Intervenção junto a Estudantes de uma Escola do Campo. **Revista da SBEnBio**, n. 7, 2014. p. 4157-4169.

WORTMANN, M. L.C. O Uso do Termo Representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. **Pro-Posições**, v. 12, n. 1, p.151-161, 2001.